

# *Os arrebatamentos de Henoc e de Elías*



*Paulo Neto*

# **Os arrebatamentos de Henoc e de Elias**

(Versão 2)

“Se não se convencem pelos fatos,  
menos o fariam pelo raciocínio.”

(ALLAN KARDEC)

**Paulo Neto**

*Copyright 2022 by*  
Paulo da Silva Neto Sobrinho (Paulo Neto)  
Belo Horizonte, MG.

Capa:  
<https://i.pinimg.com/550x/1c/d2/74/1cd274eda2b3c818910dc4629c3df14a.jpg>

Revisão:  
Hugo Alvarenga Novaes

Diagramação:  
Paulo Neto  
site: [www.paulosnetos.net](http://www.paulosnetos.net)  
e-mail: paulosnetos@gmail.com

Belo Horizonte, março/2022.

# Índice

Introdução.....	4
Há vida física no mundo espiritual?.....	16
Henoc teria sido arrebatado?.....	21
Elias teria sido mesmo arrebatado?.....	51
Conclusão.....	83
Referências bibliográficas.....	84
Dados biográficos do autor.....	87

## Introdução

Primeiramente, vamos procurar, nos textos bíblicos, o significado para o termo arrebatado; um deles é com o sentido de morrer; vejamos:

Salmo 102,25: *“Então eu disse: 'Meu Deus, **não me arrebatas na metade dos meus dias**'. Teus anos duram gerações de gerações.”*

Sabedoria 14,15: *“Um pai, atormentado por um luto prematuro, manda fazer uma imagem do **filho tão cedo arrebatado**. Agora honra como deus aquele que antes era apenas um homem morto, e transmite para as pessoas de sua casa ritos secretos e cerimônias.”* (O grifo em negrito é nosso, padrão que adotaremos nesse ebook.)

Pela forma como estão redigidos os dois textos bíblicos podemos, sem medo algum de errar, entender que o significado de “arrebatado”, neles empregado, é o de “**levar morto**”.

Existem relatos onde um espírito é quem faz o arrebatamento; vejamos:

Ezequiel 3,14: **“O espírito me ergueu e me arrebatou.** *Eu fui amargurado e irritado, pois a mão de Javé pesava sobre mim.*”

Ezequiel 43,5: **“Então o espírito me arrebatou** e levou para o pátio interno: [...]”

Atos 8,39: “[...] **o Espírito arrebatou Filipe,** e o eunuco não o viu mais [...] foi parar em Azoto; [...]”

De pronto, já nos causou estranheza o fato de que, nos dois primeiros passos, o substantivo espírito está grafado com “e” minúsculo, enquanto que em Atos se usou “E” maiúsculo, inclusive, indo mais longe em algumas traduções tratando-o de Espírito do Senhor, e outras de Espírito Santo, quando todos sabemos que esse personagem foi criação dos teólogos, após o Concílio de Niceia, em 325, para justificar a Trindade.

Em algumas traduções bíblicas encontramos, para:

a) Ezequiel 3,14: *“ergueu e me levou”, “me transportou e me levou” e “me levantou, e me*

*levou”;*

b) Ezequiel 43,5: *“ergueu-me e trouxe-me”, “levou-me e transportou-me” e “levantou-me e me levou”;*

c) Atos 8,39: *“arreatou”*, somente;

o que nos leva a deduzir que arrebatou também tem os significados dos termos empregados nesses passos.

O que poderíamos entender dessas passagens? Seria, talvez, um fenômeno de transporte, considerando que os envolvidos foram corporalmente parar num outro lugar? Embora seja um fenômeno extraordinário demais, ele é o mais provável para que se possa explicar o acontecido, tomando-se os relatos como verdadeiros.

Pelo texto no qual se fala do arrebatamento de Elias, entendemos que o significado seria transportar para algum outro local, tomando-se como base o que os discípulos de Eliseu disseram: “Aqui, entre seus servos, você pode contar com cinquenta homens valentes. Permita que eles saiam para procurar seu mestre. Talvez o espírito de Javé o tenha arrebatado

e jogado sobre algum monte ou dentro de algum vale”. (2 Reis 2,16), portanto, fica claro que, no contexto, o verbo arrebatado, não é ir para o “céu”, mas ser levado para algum outro lugar aqui na Terra mesmo.

Temos, ainda, mais duas passagens; entretanto são um tanto quanto problemáticas. A primeira é a do livro de Ezequiel:

Ezequiel 8,1-3: *“No dia cinco do sexto mês do ano seis, eu estava sentado em casa, com os anciãos de Judá sentados em minha presença, quando sobre mim pousou a mão do Senhor Javé. **Tive nesse momento uma visão: era uma figura com aparência de homem... Ele estendeu uma espécie de mão e me pegou pelos cabelos. O espírito me carregou entre o céu e a terra e, em visões divinas, levou-me a Jerusalém, até o lado de dentro da porta que dá para o norte, lá onde estava a imagem que tanto provocava o ciúme.**”*

Tudo nos leva a crer que, em princípio, trata-se de um desdobramento, ou seja, o espírito do profeta se desloca do corpo e é levado por um anjo até Jerusalém, onde vê os acontecimentos. Alguns

tradutores bíblicos têm o fenômeno como vidência (1).

Na **Bíblia Shedd**, encontramos em Ezequiel 8,3 a expressão “em visões de Deus”, a qual explicam:

Esta frase **põe fim ao debate sobre como Ezequiel podia ter sido transportado para Jerusalém** e responde às teorias que dizem que o profeta nunca foi para a Babilônia, mas, sim, estava vendo os acontecimentos em Jerusalém e profetizando para os cativos na Babilônia. **Trata-se de visões, da qualidade de vidência**, coisa que sempre existiu entre os orientais, e já que são visões que vieram diretamente de Deus, é claro que o profeta sentira que foi uma situação verídica, de acontecimentos atuais em Judá. (2)

Com isso, acabamos por ficar na dúvida em relação ao acontecido com Ezequiel; se temos um fenômeno de desdobramento ou uma vidência à distância (clarividência), pois ambas situações poderiam explicar o acontecido.

A outra nós vamos encontrá-la no capítulo 14 do livro de Daniel, que, juntamente com o 13, não faz parte das bíblias protestantes; somente das de

cunho católico. Segundo pudemos constatar esses dois capítulos são adições gregas (3). Dito, isso, leiamos:

Daniel 14,33-39: *“Entretanto, o profeta Habacuc estava na Judeia. Ele havia acabado de cozinhar um caldo e de dividir pães em pedaços numa cesta, e se dispunha a ir ao campo a fim de os levar aos ceifeiros. Disse então o anjo do Senhor a Habacud: 'Leva a refeição que tens até Babilônia, à cova dos leões, para Daniel'. Retrucou Habacuc: 'Senhor, nunca vi Babilônia, e não conheço essa cova!' Mas **o anjo do Senhor, segurando-o pelo alto da cabeça, transportou-o pelos cabelos até Babilônia, à beira da cova, na impetuosidade do seu espírito. Gritou então Habacuc, dizendo: 'Daniel, Daniel, toma a refeição que Deus te enviou! E Daniel disse: 'Tu te recordaste de mim, ó Deus, e não abandonaste os que te amam'. Depois, levantando-se, Daniel comeu. Entretanto, o anjo do Senhor imediatamente reconduziu Habacuc ao seu lugar.”***

Sobre o profeta Habacuc temos esta informação: “Nada sabemos desta personagem, a não ser uma referência legendária em Dn 14,33-39” (4). Portanto, podemos concluir que a referência a ele

nessa passagem é lenda pura. Não bastasse isso, ainda temos sérios problemas com o outro personagem dessa história.

Enquanto alguns datam que Daniel tenha vivido próximo do ano 605 a.C., os acontecimentos relatados em Daniel, fora a primeira parte (caps. 1-6) teriam ocorrido na época de Antíoco Epífanes, ou seja, entre 167 a 164 a.C., o que nos dá uma longevidade extraordinária ao profeta Daniel.

A coisa é tão alarmante que até tradutores bíblicos questionam sobre a realidade dos fatos narrados no livro que leva esse nome.

Vejamos esta explicação constante da ***Bíblia Sagrada - Santuário***:

O livro divide-se em duas partes distintas: cc. 1-6, onde se narra a vida de Daniel na corte da Babilônia, e cc. 7-12 que contém quatro visões sobre a derrocada dos reinos terrestres e a implantação final do reino de Deus. O livro termina com os cc. 13-14 (apenas na versão grega) que relatam as histórias de Susana, dos sacerdotes de Bel e do dragão.

**A situação histórica coloca o nosso Daniel no reinado do Antíoco IV Epífanes, que**

**determinou o extermínio da religião judaica e a consecutiva helenização da Palestina.** O autor do livro de Daniel (a nós desconhecido) **serve-se de histórias antigas, segundo o gênero agádico, então muito em voga (cc. 1-6; 13-14), para inculcar esperança e fé aos judeus perseguidos por Antíoco IV.** Assim como Deus protegeu Daniel e os seus companheiros de todos os perigos, assim acontecerá com os judeus que forem fiéis à Lei e às tradições religiosas. **O autor não tem em vista escrever fatos históricos, mas histórias moralizadoras,** que poderiam, na realidade, ter um fundo ou um núcleo histórico, mas de segunda importância. **Os dados internos do livro, linguístico, histórico e teológico obrigam-nos a datar o livro por altura da morte do rei Antíoco IV (165-164 a.C.).** Os cc. 7-12 são do gênero apocalíptico, muito diferentes, portanto, da tradição profética. Os apocalipses, cuja característica é a pseudonímia, nascem nesta altura e prolongam-se até aos sécs. II-III d.C. Ao longo do livro daremos as diversas explicações nas notas respectivas, quer sobre problemas de gênero literário, histórico, problemas linguísticos, de canonicidade etc. <sup>(5)</sup>

Com esses dois problemas, ou seja, que Habacuc e Daniel tenham vivido na época de Antíoco IV, o relato do livro não deve ser tomado à conta de uma realidade objetiva, conforme podemos corroborar com este esclarecimento na **Bíblia do**

## **Peregrino:**

Os principais recursos do gênero e do livro são a ficção narrativa e a alegoria. **O autor conhece o passado em grandes linhas, estiliza-o e conta-o como profecia. Para isso, inventa um personagem passado, a quem dá um nome ilustre, pondo-lhe na boca a história passada como profecia do futuro.** A ficção é basicamente uma inversão de perspectiva. Outros recursos narrativos envolvem a ficção. (6)

Não podemos deixar de citar a passagem na qual relata-se a tentação de Jesus. Transcrevemo-la nas versões de cada um dos evangelistas:

Mateus 4,1-2.5.8.11: *“Então **o Espírito conduziu** Jesus ao deserto, para ser tentado pelo diabo. Jesus jejuou durante quarenta dias e quarenta noites, e, depois disso, sentiu fome. Então o diabo o levou à **Cidade Santa**, colocou-o na parte mais alta do Templo. O diabo tornou a levar Jesus, agora para um **monte muito alto**. Mostrou-lhe todos os reinos do mundo e suas riquezas. Então o diabo o deixou. E os anjos de Deus se aproximaram e serviram a Jesus.”*

Marcos 1,12-13: *“Em seguida **o Espírito impeliu** Jesus para o deserto. E Jesus ficou no*

*deserto durante quarenta dias, e aí era tentado por Satanás. Jesus vivia entre os animais selvagens, e os anjos o serviam.”*

Lucas 4,1-2.5.9: *“Repleto do Espírito Santo, Jesus voltou do rio Jordão, e **era conduzido pelo Espírito** através do deserto. Aí ele **foi tentado pelo diabo durante quarenta dias**. Não comeu nada nesses dias e, depois disso, sentiu fome. O diabo **levou Jesus para o alto**. Mostrou-lhe por um instante todos os reinos do mundo. Depois o diabo levou Jesus a **Jerusalém**, colocou-o na parte mais alta do Templo. E lhe disse: ‘Se tu és Filho de Deus, joga-te daqui para baixo’.”*

O acontecimento aqui narrado aconteceu após o batismo de Jesus. Entretanto João Evangelista, que, apesar de também mencioná-lo, não fala absolutamente nada sobre esse episódio da tentação. O que não conseguimos decifrar é se foi só um fato isolado ou se Jesus foi tentado durante os quarenta dias, visto os textos se conflitarem nesse ponto.

A ideia que se tem é que, após receber o Espírito Santo, Jesus foi por ele levado ao deserto para ser tentado, fato que julgamos totalmente

estranho; diríamos, até, “mui amigo” quem o levou. Uma coisa que quase ninguém fala é da impossibilidade de Jesus ter sido tentado, caso ele seja, como creem, a própria divindade, pois está escrito: *“Deus não pode ser tentado pelo mal”* (Tiago 1,13).

Por outro lado, mesmo sem o considerar assim, parece-me que não se leva em conta que os demônios sabiam de sua origem; então, como poderiam afrontá-lo? Diante dele o que normalmente acontecia era: *“De muitas pessoas também saíram demônios, gritando: 'Tu és o Filho de Deus'. Jesus os ameaçava, e não os deixava falar, porque os demônios sabiam que ele era o Messias.”* (Lucas 4,40-41).

Há ainda mais uma situação de arrebatamento, essa acontecida com Paulo, o apóstolo dos gentios, que assim a descreveu:

*“Conheço um homem em Cristo, que há catorze anos **foi arrebatado ao terceiro céu**. Se estava em seu corpo, não sei; se fora do corpo, não sei; Deus o sabe. Sei apenas que esse homem – se no corpo ou fora do corpo não sei; Deus o sabe! – **foi arrebatado até o***

**paraíso** e ouviu palavras inefáveis, que não são permitidas ao homem repetir.” (2 Coríntios 12,2-4)

Pelo que conhecemos dos fenômenos mediúnicos, certamente poderemos classificar essa ocorrência com Paulo como sendo o da emancipação de sua alma, mais comumente designada de desdobramento. O espírito se desloca temporariamente do corpo e vai para um outro lugar, que lhe atrai ou no qual tenha uma tarefa a fazer, podendo, inclusive, adquirir novos conhecimentos ou receber instruções daqueles que se encontram no plano espiritual.

## **Há vida física no mundo espiritual?**

Esse primeiro questionamento é importante, pois da sua resposta poderemos aceitar ou não que algum ser humano possa viver fisicamente na dimensão espiritual. Temos dois motivos que nos levam a crer que a resposta será negativa; vejamos:

O primeiro é que tendo Jesus dito que “*O espírito é que dá vida, a carne não serve para nada*” (João 6,63), não vemos razão alguma para que nós, seres humanos, tenhamos que ir para um outro plano da vida que é completamente diferente daquele em que vivemos - mundo material -, levando o nosso corpo físico.

Consideramos isso tão absurdo quanto querer voar sem ter asas ou viver na profundidade dos mares, sem qualquer tipo de aparelho ou equipamento, que nos forneça o oxigênio, elemento vital para sobrevivermos nessa condição. Uma boa noção disso seria um astronauta, após ter voltado da ISS (*International Space Station*), não querer tirar o traje,

que usou para ir ao espaço, pretendendo viver, aqui na Terra, o seu dia a dia com ele. É exatamente assim a relação que o nosso corpo físico terá com o espírito na dimensão espiritual, pois “Cada forma de vida é adaptada ao seu meio ambiente” (7).

Por outro lado, se temos Jesus afirmando que “*Deus é Espírito*” (João 4,24); então, segundo acreditamos, ficaremos novamente diante de um outro absurdo, qual seja: na dimensão espiritual, nós seremos ainda matéria, enquanto que o próprio Criador é, estritamente, um ser espiritual.

Acrescentamos mais ainda: Jesus, pouco antes de expirar, disse: “*Pai, em tuas mãos entrego o meu espírito*” (Lucas 23,46). Por que será que ele não entregou o corpo? Foi por pura coerência, já que antes havia dito que a carne de nada serve; não é mesmo?

Não se pode alegar ignorância dessa realidade, pois, até mesmo no Antigo Testamento, encontramos a indiscutível separação entre corpo e espírito; vejamos: “*O pó volte à terra, onde estava, e o espírito volte para Deus, seu autor*” (Eclesiastes

12,7).

O segundo motivo, nós o encontraremos em Paulo, que explicou detalhadamente aos coríntios (1 Coríntios 15,35-49), que, para as variadas situações em que vivem os seres, Deus deu um corpo apropriado a cada uma delas, e, em relação a nós, afirmou, sem rodeios, que temos dois corpos: o animal e o espiritual; e que esse último é que seria o corpo da ressurreição.

Ao final, concluiu de forma taxativa: *“Mas isto vos digo, irmãos: a carne e o sangue não podem possuir o Reino de Deus, nem a corrupção herdará a incorrupção”* (1 Coríntios 15,50), não dando, portanto, margem a alguma outra opção de interpretação. Não está afirmando, em outras palavras, que é o espírito que vai herdar o reino de Deus? Pouco antes havia dito: *“Pois, se há um corpo animal, há também um corpo espiritual”* (v. 44), quando explicava a eles qual era o corpo da ressurreição. Sem falar que a lei do Criador não permite que um corpo físico se mantenha no mundo espiritual, porquanto esse corpo físico só tem condições de se manter através da ingestão de

elementos também orgânicos.

Russell Norman Champlin (1933-2018), em **O Novo Testamento interpretado versículo por versículo. Vol. 4**, manifestando-se sobre 1 Coríntios 15,50, que acabamos de mencionar, dentre as várias coisas que disse, destacamos:

*Um absurdo a ser repellido*

1. **É um absurdo pensar-se, como fazem alguns, que o corpo ressurrecto será “físico”,** ou com o materialismo crasso, que supõe que esse corpo terá ossos e carne, mas não sangue, conforme alguns supõem.

2. **Para tal espécie de corpo, seria impossível a habitação em elevadas dimensões espirituais.** Pois seria ele totalmente consumido. Pelo contrário, **o corpo espiritual é exatamente isso, feito de substância espiritual, e não material.** Ressuscita “corpo espiritual” [...] Assim, sendo, **o corpo ressuscitado, transcenderá a qualquer substância terrena, penetrando no terreno espiritual puro. Somente essa modalidade de corpo pode servir de veículo no nível espiritual da existência.** O mais provável é que qualquer coisa inferior a isso seria literalmente consumida ou destruída em um nível superior, caracterizado por uma forma de vida inteiramente diferente. **Daí se deriva a impossibilidade que qualquer forma de corpo material venha a herdar o reino de**

**Deus, já que essa impossibilidade não é apenas moral ou espiritual (embora envolva esses aspectos também), mas é igualmente uma impossibilidade fisiológica. (8)**

Champlin, como se vê, não deixa margem a dúvida, quanto à impossibilidade do corpo físico herdar o “reino de Deus”; razão para isso ele encontrou justamente em Paulo.

Qualquer estudioso verá isso; mas, antes, há que se despir dos dogmas impostos pelos teólogos do passado que, por mais bem-intencionados que fossem, não tinham as informações e nem os conhecimentos que dispomos agora sobre os relatos bíblicos.

Diante de tudo isso é que, agora, temos condições de analisar os arrebatamentos narrados na Bíblia, porquanto já ficou claro que “ir para o céu” nem sempre quer dizer que é para “viver” com Deus. Vamos, portanto, questioná-los.

## Henoc teria sido arrebatado?

Sim! Seria a resposta que, rapidamente, daria a grande maioria dos seguidores submissos à literalidade dos textos bíblicos, e, certamente, de forma bem retumbante. Nós, porém, não, porquanto temos dúvida, por julgarmos que a um espírito é totalmente impossível a sua manifestação da vida no plano espiritual se ainda estiver preso a um corpo físico, conforme acabamos de ver.

Vejamos, pela versão da *Bíblia de Jerusalém*, a narrativa bíblica, na qual consta que, supostamente, Henoc <sup>(9)</sup> teria sido arrebatado:

*Gênesis 5,21-24: “Quando Henoc completou sessenta e cinco anos, gerou Matusalém. Henoc andou com Deus. Depois do nascimento de Matusalém, Henoc viveu trezentos anos, e gerou filhos e filhas. Toda a duração da vida de Henoc foi de trezentos e sessenta e cinco anos. **Henoc andou com Deus, depois desapareceu, pois Deus o arrebatou.**”*

Apesar de já termos lido esse passo, por

diversas vezes, ainda não tínhamos despertado para um significativo detalhe que consta nele, que é a afirmação de que “ao todo, Henoc viveu 365 anos”; ficamos a matutar se, por esse “viveu”, não seria o caso de se concluir que o autor bíblico tinha plena consciência da morte de Henoc, porquanto esse tempo verbal se aplica a quem não vive mais, ou seja, já morreu; é fora de lógica aplicá-lo a quem continua vivo, seja lá onde for. A sua morte é a melhor alternativa, que passamos a ver, como a hipótese mais provável do que realmente ocorreu com Henoc.

Note o leitor que, seguindo a sabedoria popular, quando não queremos dizer que “fulano morreu”, utilizamo-nos da expressão “Deus levou fulano”. Veja que levar tem o mesmo significado de arrebatado, com uma pequena diferença, já que arrebatado significa levar, mas de forma repentina, fato que ocorreu até com Jesus quando ele foi impelido pelo Espírito para ser tentado no deserto.

Ademais caso tivesse sido mesmo levado para o céu, como querem alguns, não se teria dito “desapareceu”, como consta no texto da maioria das

traduções bíblicas.

Como sempre fazemos, partimos para pesquisar em outras versões bíblicas, com a intenção de ver como o episódio é narrado nelas. A nossa surpresa foi que o termo “arreatou” só o encontramos na *Bíblia Pastoral* e na *de Jerusalém*; todas as outras, em número de treze (86,6%), aparecem, em seu lugar, os termos “levou” ou “tomou”, conforme a opção do(s) tradutor(es).

Vejamos o texto na versão da *Bíblia Sagrada Barsa*, no qual pode-se ler:

Gênesis 5,21-24: *“Enoc em idade de sessenta e cinco anos gerou a Matusalém. E Enoc andou com Deus, e viveu trezentos anos depois do nascimento de Matusalém, e gerou filhos, e filhas. E todo o tempo de vida de Enoc foram trezentos e sessenta e cinco anos. **Ele andou com Deus, e não apareceu mais porque Deus o levou.**”*

Como o versículo 24 (em negrito) muda completamente de sentido nos dois textos, que espelham o que constam nas outras versões bíblicas. Vejamos na ***Bíblia Sagrada - Vozes***, a seguinte explicação:

Gn 5,21-24. Henoc levou uma vida de amizade com Deus, moral e religiosamente perfeita, mas viveu apenas 365 anos. O número significa a perfeição de uma vida igualável ao número dos dias de um ano completo. Em vista de sua vida perfeita foi arrebatado para junto de Deus. **Tal maneira de descrever um fim de vida corresponde à expressão popular “Deus o levou”, referindo-se à morte de pessoas bondosas e queridas.** <sup>(10)</sup>

Vemos toda uma lógica nisso que os tradutores da *Bíblia Sagrada Vozes* entenderam do versículo 24, pois não há como aceitar que alguém tenha ido para o céu de corpo e alma; no mínimo, por cinco bons motivos:

1º) modificaria o sentido do texto que taxativamente diz “*e todo o tempo de vida de Enoc foram trezentos e sessenta e cinco anos*”, pois a afirmação “**todo o tempo de vida**” não caberia se ele não tivesse morrido;

2º) o “Céu”, não é um local geográfico, mas tão somente um estado de consciência, daí Jesus ter dito que “*o reino de Deus está dentro de vós*” (Lucas 17,21) <sup>(11)</sup>;

3º) não condiz com o “*és pó, e ao pó tornarás*” (Gênesis 3,19), uma lei natural à qual o corpo físico de todos os homens está submetido, porquanto não exceção nas leis divinas;

4º) levando em conta que as condições do mundo espiritual são diferentes das do mundo físico, não se justifica a crença de que viveremos no primeiro com um corpo que só serve para o último; razão pela qual Paulo asseverou: “*é semeado corpo animal, mas ressuscita corpo espiritual*” (1 Coríntios 15,44);

5º) é frontalmente contrário esta afirmação peremptória de Paulo: “*a carne e o sangue não podem receber em herança o Reino de Deus*” (1 Coríntios 15,50).

É por isso que não podemos levar em conta certas explicações que encontramos na **Bíblia Anotada**, como esta, por exemplo:

Enoque é uma exceção ao lúgubre refrão (e morreu) deste capítulo. Ele *andou* (i.e. viveu) com *Deus* e, **em vez de deixá-lo morrer, Deus o tomou para si** (a mesma palavra hebraica é usada com respeito ao traslado de Elias, 2Rs 2:3, 5; cf.

He 11,5). Em outras palavras, **Enoque foi levado diretamente ao céu sem morrer.** <sup>(12)</sup>.

Outra opção para se explicar o fato, é a que apresentam os tradutores da ***Bíblia Sagrada - Paulinas 1977***:

**É tradição que Henoc não tenha morrido, mas tenha sido levado por Deus para fora do mundo** (Sab 4,10; Hebr 11,5), como Elias (2Rs 2,3-12). Os poucos dados conhecidos desse patriarca fizeram dele um protótipo de piedade hebraica e seu nome aparecerá como autor de numerosos apócrifos. <sup>(13)</sup>.

Bom, o que é tradição não quer, necessariamente, dizer que é fato verdadeiro; fica, portanto, restrita ao campo da crença pessoal a sua aceitação ou não.

A suposição de que Henoc tenha sido levado “**para fora do mundo**”, cabe até a possibilidade de acreditar-se que ele tenha sido abduzido, por alguma nave espacial; aí, sim, o “arrebatamento físico” teria algum sentido.

Certamente, aparecerão os bibliólatras que

farão de tudo para se apoiarem em Eclesiástico e em Hebreus:

*Eclesiástico 44,16: “Henoc agradou ao Senhor e foi arrebatado, exemplo de conversão para as gerações.”*

*Eclesiástico 49,14: “Ninguém sobre a terra foi criado igual a Henoc, ele foi arrebatado da terra.”*

*Hebreus 11,5: “Foi pela fé que Henoc foi arrebatado, a fim de escapar da morte; e não o encontraram, porque Deus o arrebatou. Antes de ser arrebatado, porém, recebeu o testemunho de que foi agradável a Deus.”*

Em relação ao Eclesiástico, é melhor deixar os católicos e protestantes chegarem a um acordo sobre se devemos acreditar nele ou não, porquanto, nas Bíblias desses últimos, não tem esse livro.

E aqui ficamos a pensar: será que de todas as almas criadas por Deus, somente Henoc mereceu ir para o céu de corpo e alma? Nenhum patriarca, nenhum profeta, biblicamente excluindo-se o caso Elias, recebeu esse privilégio, porque *“Deus não faz acepção de pessoas”* (Deuteronômio 10,17; 2 Crônicas 19,7; Atos 10,34; 15,9; Romanos 2,11;

10,12; Gálatas 2,6; Efésios 6,9; Colossenses 3,25 e 1 Pedro 1,17)? Isso não é motivo suficiente para duvidar de tal disparate?

Quanto a Hebreus, cuja autoria supunha-se de Paulo, mas hoje ela é desconhecida, podemos usá-lo para dizer: **“foi pela fé** que se acreditou que Henoc foi arrebatado”, nada mais que isso.

Em se falando de fé, lembramos que a crença dos antigos é a de que o céu era sólido, conforme os tradutores das seguintes Bíblias nos informam: “Os antigos **imaginavam que acima do firmamento, ou da abóbada do céu, feita de material sólido,** [...]” (14) e “A 'abobada' aparente do céu era para os antigos semitas uma cúpula sólida, [...]” (15). Ora, se o céu era sólido, admitir que alguém vá para ele fisicamente até nos parece razoável.

Assim, os que hoje querem sustentar tal ideia, podem ficar à vontade, baseando-se nessa crença da solidez do “céu”.

Na obra ***Estudo Perspicaz das Escrituras***, entre várias coisas ditas sobre Henoc, destacamos as seguintes:

[...] “Enoque prosseguiu andando com o verdadeiro Deus” (Gên 5:18,21-24; He 11:5; 12,1). Como profeta de Jeová, predisse que Deus viria com Suas santas miríades para executar o julgamento nos iníquos. (Ju 14,15). É provável que tenha sido perseguido por causa do seu profetizar. No entanto, Deus não permitiu que os oponentes matassem Enoque. Antes, **Jeová “o tomou”, isto é, abreviou sua vida à idade de 365 anos**, uma idade muito inferior à da maioria dos seus contemporâneos. **Enoque foi “transferido para não ver a morte”, o que talvez signifique que Deus o pôs num transe profético e então terminou a vida de Enoque enquanto estava no transe, de modo que não sofreu as agonias da morte.** (Gên 5,24; He 11,5,13). No entanto, **não foi levado para o céu, em vista da expressa declaração de Jesus, em João 3:13.** Parece que, como se deu no caso do corpo de Moisés, Jeová fez desaparecer o corpo de Enoque, pois “não foi achado em parte alguma”. – De 34,5; Ju 9). <sup>(16)</sup>

Muito bem, aqui já temos explicações que nos dão conta de que Henoc, na verdade, não foi levado ao céu de corpo e alma. Vejamos o teor do versículo citado do evangelho de João:

João 3,13: *“Ninguém subiu ao céu, a não ser aquele que desceu do céu: o Filho do Homem.”*

Realmente, o que é dito inviabiliza qualquer

tentativa de se colocar uma pessoa indo para o céu de corpo e alma, seja ela quem for. É também por esse motivo que não comungamos com a suposição de que, além de Henoc, o profeta Elias teria sido arrebatado de corpo e alma, como se acredita.

Informação bem interessante nos dão os missionários capuchinhos de Portugal, tradutores da ***Bíblia Sagrada - Santuário***, quando analisam Gênesis 5,24:

*Desaparição de Henoc: Não sabemos o sentido exato desta desapareção misteriosa. A Bíblia refere ainda o caso de Elias (2Rs 14,8). Na literatura pagã fala-se de dois casos análogos: a desapareção de Utnapistim (17), o Noé dos suméricos; e a de Rômulo, lendário fundador de Roma. Muitos passos da Escritura e da literatura judaica extra-bíblica referem-se a Henoc (cf. Heb 11,5; Eclo 44,16; 49,14, Jd 14). Há ainda um livro não canônico, chamado “Livro de Henoc”. Assim nasceu a tradição de que Henoc e Elias viriam na aurora dos tempos messiânicos. Mas Jesus declarou que Elias era João Batista (Mt 17,10; Lc 1,17). (18)*

Ora, se a Bíblia narra, em relação a seus personagens, fatos semelhantes aos acontecidos

com personalidades de culturas pagãs, anteriores à cultura judaica, não será demais deduzir que o caso de Henoc não é outra coisa senão cópia de crenças pagãs, embora saibamos que essa nossa dedução, fatalmente, vai desagradar a muitos. Talvez esteja aí a origem da crença que resultou na criação do personagem bíblico Henoc.

Não podemos deixar de destacar o trecho “Mas Jesus declarou que Elias era João Batista”, pelo motivo de estar aí de forma bem escancarada a realidade da reencarnação saindo da boca do Mestre, porém, sistematicamente, negada pelos teólogos.

Uma vez que foi mencionado o *Livro de Henoc*, obra apócrifa, iremos citá-lo, mais adiante, pois, se não estivermos forçando a barra, pode estar nele uma outra opção para a origem dessa tradição sobre o suposto arrebatamento.

Se algo é sustentado por uma crença e não pelo que realmente é, então, Ian Stevenson (1918-2007), em ***Crianças que se lembram de vidas passadas***, estava completamente correto ao

afirmar:

[...] Existe uma história sobre um fazendeiro americano ignorante que, por insistência de alguns amigos, certa vez visitou um zoológico e aproximou-se do espaço onde um camelo ficava. Depois de olhar para o camelo por muito tempo, ele se virou, murmurando para si mesmo: “Esse animal não existe”. **Assim, as crenças podem vencer as experiências.** (19)

Perverte-se, assim, a máxima “contra fatos não há argumentos”, transformando-a em uma mera pretensão dogmática: “contra crença não há argumentos”.

Buscando entender melhor a ocorrência, recorreremos aos tradutores da **Bíblia Sagrada - Vozes**, que nos dão a seguinte explicação, constante de nota de rodapé:

Henoc levou uma vida de amizade com Deus, moral e religiosamente perfeita, mas **viveu apenas 365 anos**. O número significa a perfeição de uma vida igualável ao número dos dias de um ano completo. **Em vista de sua vida perfeita foi arrebatado para junto de Deus**. Tal maneira de descrever um fim de vida **corresponde à**

**expressão popular “Deus o levou”, referindo-se à morte de pessoas bondosas e queridas. (20)**

Percebe-se, claramente, que o termo arrebatamento se trata de uma figura de linguagem do narrador bíblico, para dizer que ele, Henoc, por ser uma pessoa tão boa, “Deus o levou”, para “uma melhor”, ou seja, morreu mesmo.

Em apoio a essa nova perspectiva do fato podemos trazer, para corroborá-la, essa passagem do livro Sabedoria:

Sabedoria 4,7-15: *“Ainda que **morra prematuramente**, o justo encontrará repouso. [...] O justo agradou a Deus, e Deus o amou. Como ele vivia entre os pecadores, **Deus o transferiu. Foi arrebatado**, para que a malícia não lhe pervertesse os sentimentos, ou para que o engano não o seduzisse. De fato, o fascínio do vício obscurece os verdadeiros valores, e a força da paixão perverte a mente que não tem malícia. Amadurecido em pouco tempo, o justo atingiu a plenitude de uma vida longa. **A alma dele era agradável ao Senhor, e este se apressou em tirá-lo do meio da maldade.** Muita gente vê isso, mas não compreende nada; não reflete que a graça e a misericórdia*

*de Deus são para os seus escolhidos, e a proteção dele é para os seus santos.”*

O livro Sabedoria, como todos sabemos, não consta das Bíblias protestantes. Por ele fica nítida a informação sobre o sentido figurado dado ao termo arrebatado, que acabamos de falar. Inclusive, mais à frente, nesse mesmo livro, narra-se:

Sabedoria 14,15: *“Um pai, atormentado por **um luto prematuro**, manda fazer uma imagem do filho **tão cedo arrebatado**. [...]”*

O sentido que aqui encontramos só vem reforçar, ainda mais, a conclusão à qual estamos apresentando no decorrer desse estudo.

E, em Eclesiástico, outro livro que não consta do Cânone protestante, lemos:

Eclesiástico 44,16: *“**Henoc agradou ao Senhor e foi arrebatado**, tornando-se modelo de conversão para as gerações”*.

Mantêm-se, portanto, o emprego do sentido figurado, conforme acontece nas outras passagens citadas. Provavelmente, o mesmo que estamos falando de Henoc servirá para Elias, o profeta que

dizem ter, também, sido arrebatado:

1 Macabeus 2,58: *“Elias foi arrebatado ao céu, por causa do seu ardente zelo pela Lei.”*

Até parece ironia do destino, mas também este livro de Macabeus não consta das Bíblias protestantes. E, não por mera coincidência, são eles, os que mais defendem o arrebatamento de ambas as pessoas citadas, para negar a reencarnação.

Em função dessas exclusões passou-nos pelo pensamento a seguinte questão: será que foi em decorrência desses fatos que esses livros foram retirados das Bíblias protestantes?

Encontramos uma passagem no Novo Testamento, na qual se afirma algo sobre o assunto; vejamo-la com o teor da *Bíblia Sagrada – Pastoral*:

Hebreus 11,5: *“Pela fé, Henoc foi levado embora, **para que não experimentasse a morte**. E não foi mais encontrado, porque **Deus o levou**; e antes de ser levado, foi dito que ele agradava a Deus.”*

Nas outras Bíblias em lugar de “levou” encontramos “arrebatou ou trasladou”; prato cheio

para os bibliólatras, que tentarão justificar como fato real o arrebatamento de Henoc. Temos aqui o cumprimento do ditado “quem conta um conto, aumenta um ponto”, pois vemos que nada mais é do que a transformação de uma metáfora numa realidade.

Por outro lado, recomendamos muito cuidado aos que, porventura, venham a se agarrarem a esse livro de Hebreus, pois nele também se diz, de forma bem clara, que, em virtude da fraqueza, da inutilidade e das falhas, o Antigo Testamento foi declarado antiquado e substituído por algo tanto mais excelente quanto melhor, que é a nova Aliança, ou seja, o Novo Testamento (Hebreus 7,18-19; 8,6-7.12).

Antigamente, pensava-se que o seu autor fosse Paulo (possivelmente seja o motivo pelo qual entrou no Cânon do Novo Testamento); entretanto, hoje, tem-se que é de autoria de uma pessoa completamente desconhecida. Acreditamos que, se tivessem prestado mais atenção nisso aí, isto é, o que nele se afirmou sobre o Antigo Testamento, seria bem provável que tal livro não tivesse sido

incluído entre os livros que compõem o Novo Testamento.

A pesquisa que levamos a efeito, visando saber quem foi Henoc, nos colocou diante de novos problemas.

No ***Dicionário Bíblico Universal***, lemos:

**A descrição bíblica de Henoc tem os contornos imprecisos do estilo mítico.** Henoc pertence a **duas genealogias diferentes: é filho de Caim e de Jared** (Gn 4,17; 5,18). **Viveu 365 anos, tantos quantos os dias de um ano solar.** Difere dos outros patriarcas, entre os quais é apresentado: elogiado por sua fidelidade a Deus, não morreu, “mas desapareceu, porque Deus o levou” (Gn 5,22-24). <sup>(21)</sup>

Suspeitamos que a frase “a descrição bíblica de Henoc tem os contornos imprecisos do estilo mítico”, foi algo calculadamente trabalhado para suavizar o fato, ou seja, para não o colocar de forma tão evidente como proveniente da mitologia; o que é inclusive confirmado pelo fato do tempo de vida dele corresponder a um ano solar.

Mas, por mais fantástico que possa parecer, fomos conferir, e não deu outra: Henoc tem mesmo

“dois pais”! Veja:

Gênesis 4,17-18: “**Caim** se uniu à sua mulher, que concebeu e deu à luz **Henoc**. [...]. Henoc gerou **Irada**, e **Irada** gerou **Maviael**; **Maviael** gerou **Matusael**, e **Matusael** gerou **Lamec**.”

Gênesis 5,18.21.25: “Quando **Jared** completou cento e sessenta e dois anos, gerou **Henoc**. Quando **Henoc** completou sessenta e cinco anos, gerou **Matusalém**. Quando **Matusalém** completou cento e oitenta e sete anos, gerou **Lamec**.”

Embora os passos sejam divergentes em relação ao pai de Matusael/Matusalém, em ambos os textos, este foi quem gerou Lamec; portanto, não adiantaria nada tentar justificar tal situação alegando que os passos falam de duas pessoas distintas com o nome de Henoc; entretanto, por mais paradoxal que seja, temos que o nosso personagem, Henoc, tem dois pais. (Ou duas histórias dando origem a um mesmo personagem?).

Voltando ao assunto relacionado ao tempo de vida de Henoc, vemos a seguir mais uma contradição nos textos bíblicos. Vejamos estas informações sobre outros personagens bíblicos e ele:

Gênesis 5,5: “Ao todo, Adão viveu novecentos e trinta anos. E morreu.”

Gênesis 5,8: “Ao todo, Set viveu novecentos e doze anos. E morreu.”

Gênesis 5,11: “Ao todo, Enós viveu novecentos e cinco anos. E morreu.”

Gênesis 5,14: “Ao todo, Cainã viveu novecentos e dez anos. E morreu.”

Gênesis 5,17: “Ao todo, Malaleel viveu oitocentos e noventa e cinco anos. E morreu.”

Gênesis 5,20: “Ao todo, Jared viveu novecentos e sessenta e dois anos. E morreu.”

Gênesis 5,23: “Ao todo, **Henoc** viveu trezentos e sessenta e cinco anos.”

Gênesis 5,27: “Ao todo, Matusalém viveu **novecentos e sessenta e nove anos**. E morreu.”

Gênesis 5,31: “Ao todo, Lamec viveu setecentos e setenta e sete anos. E morreu.”

Gênesis 9,29: “Ao todo, Noé viveu novecentos e cinquenta anos. E morreu.”

Temos dois questionamentos:

1º) se “Deus não faz acepção de pessoas”  
(Deuteronômio 10,17; 2 Crônicas 19,7; Atos 10,34;

15,9; Romanos 2,11; 10,12; Gálatas 2,6; Efésios 6,9; Colossenses 3,25 e 1 Pedro 1,17), por qual motivo todos esses “privilegiados” listados acima viveram tanto tempo?;

2º) se não bastasse tanta longevidade, ainda nos deparamos com o grave problema de que Deus já tinha estabelecido que o homem não viveria mais do que 120 anos (Gênesis 6,3); será que Ele teria se esquecido disso? Ou quem sabe se mesmo apesar de ter dito “*Porque eu, o Senhor, não mudo*” (Malaquias 3,6), Ele tenha mudado?

A nosso ver, aqui nessa lista, encontramos essas duas contradições bíblicas.

Um terceiro questionamento nos sugere um amigo: Se Henoc foi realmente arrebatado, por que em Gênesis 5,3 não diz nada disso? Não seria o mais óbvio, caso verdadeiro, a narrativa constar algo próximo disso: “Ao todo, Henoc viveu trezentos e sessenta e cinco anos **e foi arrebatado por Deus**”.

Também não deixou de passar pela nossa mente a possibilidade de o autor bíblico (ou um copista posteriormente), por um lapso, ter deixado

de colocar no versículo 23 a expressão “e morreu”, diferentemente de todas as outras passagens; mas o que nos deixou mais intrigado ainda, foi o fato de um fenômeno tão extraordinário, como o arrebatamento de uma pessoa, não ter sido mencionado no versículo 23, enquanto o normal, que é a morte, foi mencionado em relação aos demais personagens.

Assim, esse “cochilo” do autor (ou de um dos copistas) propiciou as mais variadas hipóteses para o que aconteceu com Henoc, até a possibilidade dele ter ido para o Céu em corpo e alma; entretanto, como naquele tempo não havia veículos (e muito menos pressurizados) para esse tipo de transporte interplanetário de pessoas, o que implicaria na morte do corpo físico ao passar pelas camadas mais altas da atmosfera, antes de atingir o espaço interplanetário, de condições mais adversas ainda à vida animal.

Por outro lado, constatamos que, de todos os da lista, Henoc foi o que viveu menos tempo; supondo-se que ter “vida longa” é pelo motivo de “estar na graça de Deus”; então, nesse caso, quem deveria ter sido arrebatado seria o seu filho

Matusalém, que está em primeiro lugar da lista dos “longa vida”.

Na verdade, ninguém viveu tanto tempo como citado; é apenas uma figura de linguagem para significar que a pessoa era, de um modo especial, cumpridora dos preceitos divinos e, como não tinham a crença numa vida após a morte, que é ideia relativamente recente no judaísmo (BORG, e CROSSAN, 2007), a retribuição divina aos justos seria “longos dias de vida” (Provérbio 3,2); portanto, “Morrer após uma vida longa e feliz era a recompensa prometida aos que seguissem os conselhos da sabedoria e observassem a Lei de Deus” (22).

Retornando ao ponto anterior, vejamos, agora, o que consta no **Dicionário Prático - Barsa**, que já considera o filho de Caim como um outro Henoc:

2. Filho de Jared e pai de Matusalém. Depois de viver 365 anos “Henoc andou com Deus e não foi visto mais, porque o Senhor o levou” (Gen 5,18-24). Por causa desta frase e de algumas outras referências a ele na Bíblia (Eclo 44,16; Hebr 11,5), **muitos pensam que não tenha morrido, mas que tenha sido “arreatado” por Deus como o**

**foi o profeta Elias** (4Rs 2,3.9.10); como querem também alguns que Henoc e Elias sejam os “dois testemunhos” do Apocalipse (11,3ss). **Nada disto é certo.** Henoc é também o suposto autor de um livro apócrifo, citado por S. Judas (Jud 14,15), mas é também possível que o Apóstolo esteja baseado na tradição oral. <sup>(23)</sup>

Vê-se que, num primeiro momento, o autor dessa explicação não assume que Henoc não tenha morrido, apenas é dito que “muitos pensam”; porém, ao final, é categórico: “nada disto é certo”; portanto, deixa para o campo da suposição essa crença.

Vejamos agora o que podemos encontrar nos livros apócrifos, ou seja, não canônicos, uma vez que foram citados; porém antes é necessário ver, em ***Enciclopédia de Bíblia, teologia e filosofia, vol. 2***, esta explicação:

[...] Os escritos apócrifos sempre tentam preencher os hiatos, sobre os quais nada se conhece. **Os livros a ele atribuídos (ver sobre *Enoque, Livros de*), de acordo com alguns são os mais importantes entre os livros pseudepígrafos, por servir de pano de fundo ao Novo Testamento.** Comumente diz-se que os autores do Novo Testamento não se utilizaram dos

livros apócrifos e pseudepígrafos; mas, **qualquer pessoa que tenha examinado o Novo Testamento, versículo após versículo, sabe que há algumas citações, muitas alusões e muitas ideias extraídas daquelas obras.** [...] <sup>(24)</sup>

Os livros apócrifos, segundo afirmam, não foram inspirados; entretanto, partes deles são citadas no Novo Testamento que é considerado inspirado; como pode isso acontecer, sem ferir ao bom senso e à lógica?

Veja, caro leitor, na **Bíblia Anotada** até onde chegam com suas “explicações”:

*Enoque. Embora esta profecia se encontre no livro extracanônico de Enoque (1;9), a profecia original foi proferida pelo Enoque da Bíblia (Gn 5:19-24); cf. Hb 11:5-6), sendo mais tarde expandida e incorporada ao livro (pseudepigráfico) de Enoque.* <sup>(25)</sup>

Com isso tentam justificar a citação do nome de Henoc no passo Judas (1,14-15), em que lemos:

Judas 1,14-15: **“Também Henoc, o sétimo depois de Adão, profetizou sobre esses indivíduos, quando disse: 'Eis que o Senhor**

*veio com seus exércitos de anjos para fazer o julgamento universal e convencer todos os ímpios de todas as suas impiedades criminosas e de todas as palavras insolentes que os pecadores ímpios proferiram contra ele'."*

O primeiro apócrifo que vale a pena verificarmos é o intitulado *Livro da ascensão de Isaías*, que no capítulo IX, versículo 9, constante de **Apócrifos - Os proscritos da Bíblia**, onde se diz:

**Vi Enoch e todos aqueles que, com ele, despojaram-se de seu hábito da carne;** vi-os revestidos de um hábito celeste; eram como anjos, envoltos por um esplendor infinito. (Isaías teria sido elevado por um anjo “ao éter do sétimo céu”). (26)

Veja bem, caro leitor, o que se está afirmando aqui é que “Isaías viu Enoch e todos aqueles que, como ele, despojaram-se de seu hábito de carne”, ou seja, todos “como Henoc” morreram, deixando o corpo físico para repasto dos vermes.

Ora, tudo isso, s.m.j., torna totalmente improvável a sua subida ao “céu” de corpo e alma, lenda que para muitos se tornou realidade.

Vê-se, também, que todos, incluindo Henoc, eram anjos, pois revestiram-se de um hábito celeste; quer dizer, tornaram à condição de espíritos; conseqüentemente, envoltos no perispírito (= corpo espiritual).

Voltamos a Champlin, que, em **O Novo Testamento interpretado versículo por versículo. Vol. 4**, judiciosamente, disse:

[...] O corpo físico do indivíduo perece, e não demora a dissolver-se. Entretanto, isso não representa o fim da personalidade. A alma subiu, porquanto **a alma jamais morre**, visto que se compõe de um princípio vivo puro. **Todavia, a alma não é completa isoladamente, mas precisa de um revestimento. Por essa razão é que surge a fruição, isto é, o corpo espiritual que revestirá a alma**, da mesma maneira que a semente, quando germina, é “revestida”, e se manifesta com glória e beleza de vida. A vida, assim ressurgida, é uma manifestação da alma, a qual não pode permanecer despida, isto é, sem revestimento. E assim, quando da ressurreição, será a alma revestida por um veículo apropriado. **E é a fusão da alma e do novo corpo espiritual que comporá a imortalidade; e essa é a germinação da semente que fora plantada no solo, dentro da ilustração apresentada pelo apóstolo dos gentios.** <sup>(27)</sup>

Esse corpo espiritual citado por Champlin, e, vigorosamente, defendido por Paulo, é exatamente aquele que nós, os espíritas, entendemos ser o corpo perispiritual.

No *Livro de Enoch (1 Enoch)*, temos a informação de como ele foi conduzido aos céus, um a um até ao décimo: “Depois o meu espírito foi arrebatado, e subi ao céu. [...]” (28). Aqui já temos uma informação importante; é que nesse momento Henoc foi arrebatado em espírito e não em corpo e alma.

Em o *Livro dos segredos de Enoch* é que vemos ele indo de “céu em céu” até o décimo. No capítulo I, já temos: “Naquele tempo, disse ele, quando completei cento e sessenta e cinco anos, gerei Matusalém. Depois disso, **vivi** duzentos anos e, ao todo, minha vida foi de trezentos e sessenta e cinco anos” (v. 2-3).

Ressalte-se que o termo “**vivi**” é passado. Presume-se que essa afirmação é de alguém que morreu, caso contrário, teria dito: “estive vivendo ou morando na terra”, que é uma fala para quem não

passou pela morte. Dessa forma, também vai para o espaço essa ideia de ter sido arrebatado de corpo e alma.

Algo bem interessante que encontramos é Henoc ter dito “Quem sou eu, um mortal, para que possa orar aos anjos?” (29), significando, que, ele mesmo, não se considerava imortal; logo, se morreu, como não acreditam, é isso que ele era: mortal.

Ora, até onde sabemos, quem tem essa condição de imortalidade é somente a alma (ou espírito), enquanto o corpo físico irá dissolver-se, devolvendo à natureza os elementos que dela tomou emprestado.

E, já no décimo céu, Henoc tem notícia dessa ordem do Senhor ao anjo Micael: “Vai e despoja Enoch de suas vestes terrestres e unge-o com meu doce bálsamo, e veste-o com os vestidos de minha glória” (30).

Não vemos outra coisa senão que era chegado o momento de sua morte, pois “despojar de suas vestes terrestres”, não pode significar senão isso. Deus dá-lhe trinta dias para avisar seus filhos de

tudo que viu e do que foi informado, antes de o levar definitivamente; fato que Henoc estava bem consciente: “[...] Meus filhos, a hora de eu voltar ao céu se aproxima: olhai, os anjos estão diante de mim” (31).

Em **Apócrifos - os proscritos da Bíblia**, no capítulo LXVII, onde Henoc é levado, tem o seguinte teor:

1. Quando Enoch falou ao povo, o Senhor enviou as trevas para a terra, e as trevas se estabeleceram, cobrindo aqueles homens que ali se encontravam falando com Enoch, e **Enoch foi levado para o céu mais elevado**, onde se encontra o Senhor, que o recebeu e o colocou diante de sua face, e as trevas deixaram a terra, e a luz voltou novamente.

2. **Mas o povo viu e não entendeu como Enoch foi levado para glorificar a Deus**, e eles encontraram um pergaminho enrolado no qual estava escrito: “O Deus invisível”!, e todos foram para casa. (32)

Mas aqui não é dito que foi levado de corpo e alma; até mesmo, segundo nos parece, os que estavam lá não entenderam nada, justamente por isso, pois se o corpo de Henoc estava ali, “como

Deus o levou”?. É o que podemos deduzir do texto acima.

A grande questão é: se quando ele foi arrebatado aos céus (dez), ainda enquanto vivo, o foi em espírito, por que motivo, então, a sua ida definitiva teria que ser de corpo e alma? Falta lógica e coerência, se acreditarmos nessa hipótese.

De nossa parte, pelo que aqui levantamos, tudo é bem claro agora; nunca houve arrebatamento físico - nem quando Henoc foi ao céu em caráter temporário, nem, muito menos, quando em definitivo, já que todos nós temos que passar pela morte, pois não há outra forma de se retornar ao plano espiritual, do qual viemos, para, temporariamente, habitar este atual corpo físico. Por isso, responderemos, sem mais hesitação, à pergunta título desse estudo com um sonoro: NÃO!

## **Elias teria sido mesmo arrebatado?**

A narrativa do arrebatamento de Elias, sempre é utilizada, especialmente pelos dogmáticos de plantão, para negar que João Batista seja Elias reencarnado.

Em verdade, negam a Jesus, pois foi ele quem disse: *“E se quiserdes aceitá-lo, ele (João Batista) é o Elias, que há de vir”*. Como sabia que a incredulidade viria a vigorar por muito tempo, completa: *“Quem tem ouvidos ouça”*. (Mateus 11,14-15).

Por outro lado, é difícil para nós, que fazemos questão da lógica, aceitarmos esse arrebatamento, porquanto, além das razões já mencionadas e outras que iremos expor logo abaixo, uma outra afirmativa de Jesus não deixa a mais leve sombra de dúvida: *“Ninguém subiu ao céu, senão o que desceu do céu: o Filho do homem”* (João 3,13).

Quando se afirma que Elias foi arrebatado, o que querem dizer? Baseados numa passagem

bíblica, que veremos um pouco mais à frente, sustentam que Elias foi levado por Deus ao Céu, de “corpo e alma”, ou seja, pensam que na verdade Elias não morreu (???). Se Elias não morreu, ficamos em dúvida por não ter como explicar esse privilégio, pois até mesmo Jesus, o Cristo, cuja evolução lhe era muito superior, morreu, e ainda pregado numa cruz.

Ademais, ficamos, também, sem entender o que o profeta Elias faria com o corpo físico no mundo espiritual. Seria o mesmo que mandarmos alguém viver debaixo d’água do jeito que ele vive aqui na superfície, sem lhe dar nenhum equipamento apropriado àquele lugar.

A coisa não lhe parece absurda? Entretanto é o que esperam em relação a Elias, ou seja, que ele vá viver numa outra dimensão, totalmente diferente daquela que é adequada à matéria, como se nela fosse necessário o corpo físico para um Espírito viver na sua condição de ser espiritual.

No texto bíblico que veremos, há referência a carro de fogo com cavalos de fogo, isso nos fez ampliar a pesquisa e vejam só o que encontramos e

comparamos com o relato sobre Elias:



Apolo, deus grego, também andava pelos Campos Elísios em sua carruagem. A questão é saber quem copiou quem.

Vamos, agora, ver a passagem em que é citado o tal do arrebatamento de Elias, que está narrado no segundo livro de Reis:

2 Reis 2,11: *“Ora, enquanto seguiam pela estrada conversando, de repente apareceu **um carro de fogo com cavalos também de fogo**, separando-os um do outro, e **Elias subiu para o céu no turbilhão.**”*

Depois disso, os irmãos profetas “*mandaram cinquenta homens, que procuraram Elias durante três dias e não o encontraram*” (2 Reis 2,17). É interessante colocarmos as explicações dos tradutores da *Bíblia de Jerusalém* acerca disso:

A busca infrutífera certifica apenas que Elias não é mais deste mundo; seu destino é mistério que Eliseu não quer desvendar. **O texto não diz que Elias não morreu, mas facilmente se pode chegar a essa conclusão.** <sup>(33)</sup>

Para nós o texto em negrito dessa nota, não sabemos se proposital, ou não, mais complica do que explica; esclarecemos: A primeira parte do texto em negrito diz o seguinte: **O texto não diz que Elias não morreu**, sem expressar qualquer opinião, ou informar a que conclusão chegou, dizendo na sua segunda parte: **mas facilmente se pode chegar a essa conclusão**. Nesse caso perguntamos: mas a que conclusão?! Se se pretende que a conclusão seja a de que Elias não morreu, esse enunciado está errado, pois, para que a conclusão fosse a de que Elias não morreu, o enunciado deveria ser o seguinte: “**O texto não diz que Elias morreu**; ora,

como **não diz** que **morreu** é porque **não morreu**; nesse caso, poder-se-ia dizer que Elias teria ido vivo ao Céu (em corpo e alma)”.

Entretanto, o enunciado é: **O texto não diz** que Elias **não morreu**; ora, como **não diz** que **não morreu** é porque **morreu**; assim, a conclusão é semelhantemente inversa, isto é, como **não diz** que **não morreu** é porque **morreu**; nesse caso, **não se poderá** dizer que Elias não morreu; conseqüentemente, a conclusão aí, sim, é a de que Elias **morreu**.

E a nossa conclusão, com base nessa nota da Bíblia de Jerusalém, é a de que, realmente, Elias morreu, posto que, para a interpretação ser no sentido que muitos pretendem dar, de que Elias **não morreu**, o texto em negrito, repetimos, deveria estar redigido assim: **O texto não diz que Elias morreu, mas facilmente se pode chegar a essa conclusão**.

Mas como diz: **O texto não diz que Elias não morreu, mas facilmente se pode chegar a essa conclusão**, a única conclusão que, facilmente,

podemos chegar, com base no texto, evidentemente, é a de que Elias **morreu**.

Vejamos agora a nota da **Bíblia Tradução Ecumênica - TEB** sobre o versículo 18, que narra a volta dos irmãos profetas, sem terem tido sucesso:

Nem a informação dos filhos de profetas sobre o arrebatamento de Elias ao céu (v. 5), nem o fato de ter presenciado o milagre operado por Eliseu com o manto de Elias (vv. 14-15) foram suficientes para dissipar a dúvida sobre a sorte reservada a Elias, **o espírito do Senhor arrebatou o profeta não se sabe para onde** (1Rs 18,12) <sup>(34)</sup>

Antes de dizermos qualquer coisa a respeito desta nota, convém transcrever o diálogo de Abadias (ou Obadias) com Elias narrado em 1 Reis 18,7 e seguintes, de onde destacamos: *“E poderia ser que, apartando-me eu de ti, o Espírito do Senhor te tomasse, não sei para onde, e, vindo eu a dar as novas a Acabe, e não te achando ele, me mataria; porém eu, teu servo, temo ao Senhor desde a minha mocidade.”* (1 Reis 18,12)

Veja caro leitor, que Elias era dado a se movimentar de um lado para outro aqui na Terra, por

“arrebatamento”, como Abadias demonstra o temor disso acontecer, em relação à possibilidade de, ao ele sair, Elias ser “tomado” pelo espírito do SENHOR, e fosse levado “não sei para onde”, o que poderia implicar a morte dele, Abadias, se Acabe não encontrasse Elias.

A partir daí, desenrola-se um diálogo entre Elias e Abadias, resultando no encontro de Acabe com Elias, conforme mencionado no versículo 17, desenrolando-se, em seguida, acontecimentos que resultaram na morte de 450 profetas de Baal, que foram levados ao ribeiro do Quison por ordem de Elias e lá foram por ele degolados, conforme descrito no versículo 40, do mesmo capítulo 18.

Como se vê, a expressão “o espírito do Senhor arrebatou o profeta não se sabe para onde” constante da nota da *TEB*, expressa, nada mais, nada menos, o porquê do temor de Abadias em ser morto quando, ao voltar com Acabe, este não encontrasse Elias.

Além disso, há que se destacar o fato de Elias ter degolado, ele mesmo, os 450 profetas de Baal, ato não muito condizente com um profeta, por

desobedecer ao “não matarás”; mas, mesmo assim, insistem em dizer que ele tenha sido levado ao Céu e, mais ainda, em corpo e alma, inclusive contrariando o motivo que justificou ter sido Henoc levado ao Céu - estar sempre com Deus; não é interessante - um porque sempre obedeceu a Deus e o outro que quebrou um dos seus mandamentos, justamente o “não matarás”?!

Pelos acontecimentos anteriores a esse arrebatamento, narrados em 2 Reis 2, lemos que Eliseu, discípulo de Elias, pressentindo o final do seu mestre, lhe faz um pedido: *“Eu gostaria de receber uma porção dupla de teu espírito”* (v. 9). Ao que lhe respondeu Elias: *“Fizeste um pedido difícil. Mas se me vires ao ser arrebatado do teu lado, terás o que pediste; se não me vires, não o terás”* (v 10).

O que será que aconteceu? Não deixaremos para o próximo capítulo, caro leitor, pois não o queremos ver “morrendo” de curiosidade.

Bom; a única coisa que sobrou de Elias, após o tal arrebatamento, foi o seu manto. Eliseu pega esse manto e bate com ele na água do rio Jordão, que fez

com que suas águas se dividissem em duas partes, fato que os outros profetas da comunidade viram. Diante desse fenômeno incomum, e como Elias já tinha também feito isso, disseram: “*O espírito de Elias repousou sobre Eliseu*” (v.15). O que numa linguagem popular ficaria assim: “O espírito de Elias **baixou** em Eliseu”. Por isso, nós diremos que, de fato, Elias morreu, pois ficaria comprovado que, do plano espiritual, exerceu influência sobre Eliseu.

Na narrativa bíblica sobre esse arrebatamento, é afirmado que Elias foi levado num turbilhão (ou redemoinho, segundo algumas traduções). Será que o acontecido não teria sido um fenômeno produzido pela natureza como um tufão, um ciclone ou um tornado?

Nós sabemos que nesses fenômenos são tragados até mesmo objetos de peso considerável; Seria este o caso de Elias? Sinceramente, ficamos inclinados a aceitar essa hipótese, pois, se não foi assim, teremos que aceitar que Elias foi levado pelo demônio! Como? Veja que a narrativa diz que apareceu um carro de fogo com cavalos de fogo. Ora, não se afirma que todas as coisas do demônio

são de fogo? Assim, podemos pressupor que ele, o demo, em pessoa, veio, em seu exuberante veículo de transporte, buscar Elias, deu uma voltinha com ele no céu (o azul) e o levou diretamente para “a fornalha ardente do inferno. (Cruz!!!).

Será que alguém conseguirá provar o contrário? Provar não, mas acreditar numa outra hipótese? Os aficionados em disco voador, por exemplo, poderão, com certa razão, dizer que Elias foi abduzido por um OVNI; também aqui ninguém poderá provar o contrário.

Por outro lado, considerando que no mesmo capítulo 2, no versículo 16 consta: “... *Talvez o espírito do Senhor o tenha levado e jogado num desses montes ou vales*”, fica evidente, que, naquela época, ainda não se entendia que o corpo de Elias tenha ido para os céus. Mas há um outro fato que será uma ducha de água fria nessa crença. É o que veremos na sequência.

Esclarecemos, inicialmente, que, nas várias traduções bíblicas, os dois personagens, a que iremos nos referir, são tratados ora como Jorão, ora

como Jorão. Fizemos um levantamento em quinze Bíblias, obtendo o seguinte resultado:

**Jorão de Israel e Jorão de Judá:** *Paulinas* 1980, *Santuário, Paulinas* 1957, *De Jerusalém, Vozes, Ave-Maria, do Peregrino, Barsa, Paulinas* 1977 e *Pastoral*. (dez ao todo). (todas católicas).

**Jorão de Israel e Jorão de Judá:** *SBB, SBTB, Shedd e Anotada* (quatro ao todo, todas de cunho protestante).

**Jorão de Israel e Jorão de Judá:** *Tradução Novo Mundo* (uma) (protestante).

Portanto, em nossas citações, adotaremos o nome de Jorão para ambos, porquanto é o utilizado na maioria das traduções bíblicas. Quanto houver alguma citação, prevalecerá a que o autor usou.

Falaremos, então, da carta comprometedora de Elias, que antes foi objeto de um texto isolado, que julgamos por bem incorporá-lo a esse estudo.

O escritor Paulo Finotti, autor do livro intitulado **Ressurreição**, dá-nos uma informação interessantíssima. Diz ele:

[...] Posteriormente, a Bíblia informa que **Jeorão recebeu uma carta de Elias** (II Crônicas, 21:12/15).

Assim, quando Jeorão, rei de Judá, começou a reinar, já havia ocorrido o que está escrito em II Reis 2:11,12, e **se Elias ainda podia enviar uma carta ao rei Jeorão é porque, após a sua “ascensão”, continuava aqui na terra profetizando para o reino de Judá.** <sup>(35)</sup>

Engraçado como muitas vezes não enxergamos o óbvio, pois, realmente, segundo a narrativa bíblica citada, Elias, depois de ter sido supostamente arrebatado, enviou mesmo uma carta a Jorão, filho e sucessor de Josafá, de Judá.

Confirmam isso os tradutores da **Bíblia de Jerusalém**, quando nos oferecem a seguinte explicação para essa passagem:

De acordo com a cronologia de 2Rs, **Elias tinha desaparecido antes do reinado de Jorão de Israel** (2Rs 2; 3,1) e, portanto, antes de Jorão de Judá (2Rs 8,16; cf. no entanto 2Rs 1,17). O cronista deve utilizar uma tradição apócrifa. <sup>(36)</sup>

Em **Manual Popular de dúvidas, enigmas e “contradições” da Bíblia**, temos uma tentativa de

explicar o caso:

**2 CRÔNICAS 21:12 – Como Elias poderia ter enviado uma carta muito depois de sua partida para o céu?**

**PROBLEMA:** Quando Jeorão se tornou rei em Judá, ele “fez altos nos montes de Judá, e seduziu os habitantes de Jerusalém à idolatria, e fez desgarrar a Judá” (2Cr 21:11). O versículo seguinte diz que, em resposta aos pecados de Jeorão, Elias enviou-lhe uma carta. Entretanto, se Elias tinha sido trasladado antes do reinado de Jeorão, filho de Josafá, então como poderia ter ele enviado essa carta a Jeorão?

**SOLUÇÃO:** Elias foi trasladado num certo dia durante o reinado de Jorão, filho de Acabe, que reinou em Israel de cerca de 852 a 841 a.C. Jeorão, filho de Josafá, reinou em Judá de 848 a 841. Portanto, como Elias somente foi trasladado num certo dia durante o reinado de Jorão de Israel, é perfeitamente razoável que ele tenha enviado aquela carta a Jeorão de Judá. <sup>(37)</sup> (grifo do original)

Os dois autores são especialistas em usar de sofismas para tentar explicar o inexplicável; a obra que escreveram deveria ter o título de “Manual Popular de sofismas” em vez de *Manual Popular de dúvidas, enigmas e “contradições” da Bíblia*. O que

eles não informaram corretamente é que o ministério de Elias foi somente até o ano de 853 a.C., no reinado de Acazias, o que pode ser confirmado em Josefo; portanto, antes do reinado de Jorão de Israel e do de Jorão de Judá.

Vamos traçar a cronologia dos fatos, para que a sua visualização possa nos dar condições de entender quando se deu o suposto arrebatamento de Elias.

Vejamos como ficou essa cronologia nos baseando nos dados que retiramos do livro *História de Israel* <sup>(38)</sup>, de Samuel J. Schultz (1914-2005):

ano	Israel			Judá		
874	Acab-1º					
873	Acab-2º		Elias			
872	Acab-3º		Elias	Josafá-1º		
871	Acab-4º		Elias	Josafá-2º		
870	Acab-5º		Elias	Josafá-3º		
869	Acab-6º		Elias	Josafá-4º		
868	Acab-7º		Elias	Josafá-5º		
867	Acab-8º		Elias	Josafá-6º		
866	Acab-9º		Elias	Josafá-7º		
865	Acab-10º		Elias	Josafá-8º		
864	Acab-11º		Elias	Josafá-9º		

ano	Israel			Judá		
863	Acab-12º		Elias	Josafá-10º		
862	Acab-13º		Elias	Josafá-11º		
861	Acab-14º		Elias	Josafá-12º		
860	Acab-15º		Elias	Josafá-13º		
859	Acab-16º		Elias	Josafá-14º		
858	Acab-17º		Elias	Josafá-15º		
857	Acab-18º		Elias	Josafá-16º		
856	Acab-19º		Elias	Josafá-17º		
855	Acab-20º		Elias	Josafá-18º		
854	Acab-21º		Elias	Josafá-19º		
853	Acab-22º/ Acázias -1º		Elias	Josafá-20º		
852	Acázias-2º	Jorão-1º		Josafá-21º		
851		Jorão-2º		Josafá-22º		
850		Jorão-3º		Josafá-23º		
849		Jorão-4º		Josafá-24º		
848		Jorão-5º		Josafá-25º	Jorão-1º	
847		Jorão-6º			Jorão-2º	
846		Jorão-7º			Jorão-3º	
845		Jorão-8º			Jorão-4º	
844		Jorão-9º			Jorão-5º	
843		Jorão-10º			Jorão-6º	
842		Jorão-11º			Jorão-7º	Elias (1)
841		Jorão-12º		Acázias	Jorão-8º	

(1) Época provável em que Jorão de Judá recebeu a carta de Elias, repreendendo-o por seu comportamento e na qual se prevê sua morte por uma doença grave que consumiria os seus intestinos, o que ocorreu dois anos depois. (2Cr 21,12-20).

É também em *História de Israel*, de Schultz, que nos baseamos para calcular a época provável que Jorão teria recebido a carta de Elias:

Elias, o profeta, repreendeu severamente a Jeorão em forma escrita (veja 2Cr 21:11-15). Por meio disso, Jeorão **foi avisado do juízo iminente** que lhe sobreviria por ter morto a seus irmãos e por ter conduzido Judá pelos caminhos pecaminosos do reino do Norte. O melancólico futuro guardava uma prova para Judá, e uma doença incurável para o próprio rei. <sup>(39)</sup>.

Visando corroborar essa cronologia, aqui apresentada, trazemos os dados constantes nestas outras fontes:

Bíblia	Reino de Israel			Reino de Judá	
	Acab	Acazias	Jorão	Josafá	Jorão
1. de Jerusalém	874-853	853-852	852-841	870-848	848-841
2. Do Peregrino	874-853	853-852	852-841	870-848	848-841
3. Vozes	874-853	853-852	852-841	871-848	848-841
4. Ave-Maria	873-853	853-852	852-842	870-848	848-841
5. Santuário	873-853	853-852	852-842	870-848	848-841
6. Shedd	874-853	853-852	852-841	870-848	848-841
7. Anotada	874-853	853-852	852-841	873-848	848-841

Como se vê, as divergências são poucas e nada influem no que se refere à época do suposto arrebatamento de Elias e à de sua carta a Jorão. Deve-se observar, especialmente, quanto ao início dos reinados de Jorão de Israel e de Jorão de Judá, os quais são iguais nessas fontes.

Vejamos as datas relativas aos fatos listados nas narrativas bíblicas:

2 Reis 2,11: suposto arrebatamento de Elias - fato acontecido por volta do ano 853 a.C.;

2 Reis 3,1: Começa o reino de Jorão em Israel - início em 852 a.C.;

2 Reis 8,16: Começa o reino de Jorão em Judá - início em 848 a.C.;

2 Crônicas 21,12: Elias escreve uma carta para o rei Jorão de Judá - por volta de 842 a.C.

Assim, vemos que **a carta de Elias foi escrita cerca de dez a onze anos depois de seu sumiço**, que se deu, segundo crença, por ele ter sido arrebatado ao céu de corpo e alma.

Isso nos parece totalmente ilógico e fora da realidade dos que viviam àquela época, pois, se assim pensassem, não teriam sugerido a Eliseu a mandar procurá-lo em algum lugar como, de fato, aconteceu, e se encontra narrado em 2 Reis 2,15-16: *“... vieram ao seu encontro e se prostraram por terra, diante dele. Disseram-lhe: “Há aqui com teus servos cinquenta homens valentes. Permite que saiam à procura de teu mestre; talvez o Espírito de lahweh o tenha arrebatado e lançado sobre algum monte ou em algum vale”*. Mas ele respondeu: *‘Não mandeis ninguém’*”. Trata-se de Eliseu, a pessoa aqui citada, pois foi ele o profeta que assumiu o lugar de Elias.

Em relação a Elias temos a confirmação de que ele sumiu no tempo de Acazias, filho de Acab, conforme nos atesta o historiador Flávio Josefo (37-103 d.C.) em *História dos Hebreus*: **“Foi sob seu reinado que Elias desapareceu** sem que jamais se tenha podido saber o que aconteceu a ele”. <sup>(40)</sup>

Isso nós confirmamos pelo *Dicionário Prático Barsa*, que assim afirma: “Elias viveu no tempo de Acab, rei de Israel (872-854 a.C.) e seu sucessor

Oczias” (41). Portanto, na época em que Jorão de Judá reinou, levando-se em conta os dados um pouco mais acima, Elias já havia desaparecido.

Analisando os textos bíblicos com maior acuidade, percebemos um conflito entre os dois passos que falam do reinado de Jorão de Judá. Leiamos-los:

*2 Reis 1,17: “E ele morreu, conforme a palavra de lahweh, pronunciada por Elias. Jorão tornou-se rei em seu lugar, no segundo ano de Jorão, filho de Josafá, rei de Judá, uma vez que ele não tinha filhos.”*

*2 Reis 8,16: “No quinto ano de Jorão, filho de Acab, rei de Israel – sendo Josafá rei de Judá, Jorão, filho de Josafá, tornou-se rei de Judá.”*

Ora, essas duas passagens não podem ser consideradas simultaneamente, por evidente conflito; isso porque, utilizando-nos da tabela cronológica vemos que Jorão de Judá iniciou o seu reinado em 848 a.C.; então, segundo 2 Reis 1,17, Jorão de Israel teria iniciado em 846 a.C., já que assumiu o seu reinado no segundo ano do outro Jorão em Judá; mas a cronologia nos aponta o ano de 852 a.C., que corresponde a 2Rs 8,16, como o dessa

ocorrência.

Portanto, se juntarmos as informações desses dois textos não dá para se estabelecer cronologia alguma, pois, se por um deles (2 Reis 1,17), Jorão de Israel iniciou seu reinado no 2º ano do de Jorão de Judá, este não pode, ao mesmo tempo, ter iniciado o seu num período de reinado de Jorão de Israel (quinto ano, conforme 2Rs 8,16).

Para um melhor entendimento, vamos colocar isso numa tabela cronológica.

Ano	Israel			Judá		
<b>1ª Opção: 2Rs 1,17: Jorão de Israel subiu ao trono no 2º ano de Jorão de Judá</b>						
855	Acab-20º		Elias	Josafá-18º		
854	Acab-21º		Elias	Josafá-19º		
853	Acab-22º / Acázias-1º		Elias	Josafá-20º	Jorão-1º	
852	Acázias-2º	Jorão-1º		Josafá-21º	Jorão-2º	
851		Jorão-2º		Josafá-22º	Jorão-3º	
850		Jorão-3º		Josafá-23º	Jorão-4º	
849		Jorão-4º		Josafá-24º	Jorão-5º	
848		Jorão-5º		Josafá-25º	Jorão-6º	
847		Jorão-6º			Jorão-7º	Elias
846		Jorão-7º			Jorão-8º	

Ano	Israel			Judá		
...		...				
841		Jorão-12º		Acazias		
<b>2ª Opção: 2Rs 8,16: Jorão de Judá subiu ao trono no 5º ano de Jorão de Israel</b>						
855	Acab-20º		Elias	Josafá-18º		
854	Acab-21º		Elias	Josafá-19º		
853	Acab-22º / Acazias-1º		Elias	Josafá-20º		
852	Acazias-2º	Jorão-1º		Josafá-21º		
851		Jorão-2º		Josafá-22º		
850		Jorão-3º		Josafá-23º		
849		Jorão-4º		Josafá-24º		
848		Jorão-5º		Josafá-25º	Jorão-1º	
847		Jorão-6º			Jorão-2º	
846		Jorão-7º			Jorão-3º	
845		Jorão-8º			Jorão-4º	
844		Jorão-9º			Jorão-5º	
843		Jorão-10º			Jorão-6º	
842		Jorão-11º			Jorão-7º	Elias
841		Jorão-12º		Acazias	Jorão-8º	

Vemos, então, que as duas opções são inconciliáveis; para manter-se a cronologia dos fatos, de duas uma: ou Jorão de Judá iniciou seu reinado em 852 ou em 848; isso porque, os dois anos de início, ao mesmo tempo, tomando-se os dois passos

(2 Reis 1,17 e 2 Reis 8,16), coloca-nos diante de um evidente conflito, que só com abdicação da capacidade de raciocinar poder-se-á aceitar como verdadeiro esse claro erro ou contradição na Bíblia.

Pode até ser que não haja problema algum caso os tradutores da *Bíblia de Jerusalém* tenham razão quando afirmam, em relação a 2 Reis 1,17, que “Este dado, que não combina com 3,1, pertence a outro sistema cronológico” (42).

No que se refere ao passo 2 Reis 8,16, alguns textos bíblicos, como os das *Bíblias Shedd, Vozes, Anotada e de Jerusalém*, narram que, quando Jorão assumiu o poder, Josafá, seu pai, ainda estava reinando; entretanto, nenhuma delas, ao citar o período de reinado dos envolvidos, coloca qualquer tipo de corregência; talvez tenham se baseado no livro de Crônicas, que nada fala do assunto ou, quem sabe, se em Flávio Josefo. Fora isso, ainda temos que tal procedimento (corregência) não era costume entre os judeus.

A primeira opção (2 Reis 1,17) é a que Champlin e Bentes adotam na *Enciclopédia de Bíblia*,

*Teologia e Filosofia* (43); aliás, até o presente, a única que encontramos dessa forma, que tem o passo 2 Reis 1,17 como base para o início do reinado de Jorão de Judá, enquanto que a segunda (2 Reis 8,16) é a adotada por vários exegetas e tradutores bíblicos, conforme mencionado anteriormente.

Mesmo que a considerássemos como sendo a verdadeira, ainda resta um espaço de tempo entre “o sumiço” de Elias e a sua carta a Jorão de Judá, que, calculamos, foi por volta de 5 a 6 anos, como poder-se-á ver na tabela.

Mas o que há de extraordinário nisso? Bom; se as passagens mencionadas forem verdadeiras, e aqui os defensores da inerrância bíblica, por coerência, não podem aceitá-las de outro modo, estaremos diante de duas alternativas conflitantes:

1ª) que Elias não foi arrebatado, aos céus, mas, sim, na forma entendida pelos servos de Eliseu, isto é, que Elias tenha sido levado para algum monte ou algum vale, já que envia uma carta. Isso, para nós, é o mais provável que tenha de fato ocorrido, uma vez que é difícil sustentar que alguém tenha

sido arrebatado de corpo e alma, levando-se em conta que, se *“Deus é espírito”* (João 4,24), nós também somos seres espirituais, já que fomos criados à Sua imagem e semelhança. Por outro lado, se *“o espírito é que dá vida, a carne não serve para nada”* (João 6,63) e que *“a carne e o sangue não podem herdar o reino dos céus”* (1 Coríntios 15,50), não há como compatibilizar corpo físico na dimensão espiritual.

2ª) por certo, essa poderá deixar alguns fanáticos perplexos; é que, se aceitarmos que não há exceção nas Leis Divinas, Elias morreu, fato que acontece com todo ser humano; daí, por força das circunstâncias, teremos que admitir que, do plano espiritual, ele envia uma carta ao rei. Portanto, uma ocorrência mediúnica, com alguém servindo de médium para receber essa carta e entregá-la ao destinatário, significando isso uma autêntica psicografia.

A título de curiosidade, observamos que os termos usados nessa narrativa aparecem, nas diversas traduções bíblicas, ora como *“uma carta”*, ora como *“uma mensagem”* e ora como *“um*

escrito”; mas, no fundo, tudo isso é a mesma coisa. Lembramo-nos aqui do saudoso médium Chico Xavier (1910-2002) que recebia, com facilidade, uma imensidão de cartas dos que já haviam sido “levados por Deus”, como se diz para mencionar os que já morreram.

Na primeira hipótese citada acima, não há nenhum fato bíblico entre “os arrebatados” que possa sustentar a possibilidade de que, em algum momento, um deles tenha se comunicado, por qualquer meio, com os encarnados. Entretanto, quanto à segunda hipótese, ou seja, a de que Elias mandou a mensagem após ter morrido, podemos comprovar biblicamente, por dois acontecimentos, os quais vêm apoiar uma ocorrência dessa ordem.

O primeiro é um fenômeno mediúnico de psicofonia, que se encontra narrado em 1 Samuel 28,1-25, onde se relata a ida do rei Saul a Endor, para que, através de uma pitonisa (médium), que residia nessa localidade, pudesse aconselhar-se com o profeta Samuel, já desencarnado. Como estava numa situação angustiante, pois se encontrava cercado pelo exército dos filisteus, queria saber do

espírito Samuel, que, quando encarnado, fora profeta em seu próprio reinado, sobre o seu futuro em relação a essa iminente batalha.

O segundo, sempre “esquecido” pelos contraditores da possibilidade de comunicação com os “mortos”, é quando os espíritos de Moisés e Elias apareceram a Jesus, Pedro, Tiago e João, e conversaram com o Mestre (Mateus 17,1-9; Marcos 9,2-10; Lucas 9,28-36).

Classificamos esse fenômeno mediúnico como de “materialização”, pois esses dois espíritos também foram vistos pelos três discípulos que testemunharam o fato, os quais, ao que tudo indica, deviam ser os médiuns doadores da energia necessária para a produção do fenômeno, a qual chamamos de ectoplasma. Inclusive, podemos observar que, nos principais fenômenos mediúnicos produzidos por Jesus, vistos por alguns como milagres, os três apóstolos citados eram convidados por ele, para deles participarem; certamente porque Jesus sabia que, só os três, entre os que O seguiam, possuíam essa energia de forma mais acentuada.

Há ainda um outro evento, que nunca é falado, pois não teria como ser negado: trata-se do acontecido com o próprio Jesus, que, depois de morto, se comunicou com inúmeras pessoas. E, numa paráfrase do que o apóstolo dos gentios disse aos coríntios, diríamos: **Pois se os mortos não se comunicam, também Cristo não se comunicou. Se Cristo não se comunicou, ilusória é a nossa fé.**

Assim, com essa carta de Elias, acreditamos estar diante de mais uma ocorrência bíblica, que vem provar a comunicação entre os dois planos da vida, embora negada sistematicamente por alguns, mas que pode ser considerada como corroborada pela própria Bíblia, quando Moisés proíbe a comunicação com os mortos (Deuteronômio 18,9-14), já que Moisés não era tão louco assim para proibir o que não pudesse acontecer... Está, portanto, comprovada, biblicamente, a realidade da comunicação entre os habitantes do mundo espiritual com os do mundo físico. E como diria Jesus: *“Quem tem ouvidos, ouça”* (Mateus 11,15).

Voltemos a três passagens bíblicas citadas anteriormente, quando das considerações iniciais:

Ezequiel 3,14: “**O espírito me ergueu e me arrebatou**. Eu fui amargurado e irritado, pois a mão de Javé pesava sobre mim.”

Ezequiel 43,5: “Então **o espírito me arrebatou** e levou para o pátio interno: [...].”

Atos 8,39: “[...] **o Espírito arrebatou Filipe**, e o eunuco não o viu mais [...] foi parar em Azoto; [...].”

Delas extraímos a possibilidade do arrebatamento ser um fenômeno de transporte, no qual os envolvidos foram, por ação de um espírito, corporalmente transportados para um outro lugar. E daí questionamos: não seria exatamente isso o que aconteceu com Elias? E que até os filhos dos profetas entenderam, quando se dirigiram a Eliseu pedindo para mandar procurar Elias. Ora, pelo que percebemos, tal ocorrência não era totalmente estranha aos que o conheciam. Leiamos:

1 Reis 18,11-12: “E agora, o senhor me manda dizer ao meu patrão que Elias está aqui?! Quando eu sair daqui, **o espírito de Javé transportará** o senhor não sei para onde. Eu

*irei informar Acab, e ele, não o encontrando, me matará. E seu servo teme a Javé desde a juventude.”*

Explicam-nos os tradutores da Bíblia de Jerusalém: “Esses desaparecimentos repentinos parecem ter sido um dos traços da história de Elias (2Rs 2,16) até o seu arrebatamento definitivo (2Rs 2,11s)”. <sup>(44)</sup> Com isso, poderemos entender o porquê de os irmãos profetas, que moravam em Betel e os que moravam em Jericó, terem dito a Eliseu: “*Você está sabendo que Javé hoje mesmo vai levar embora seu mestre, nos ares, por cima da sua cabeça?*” (2 Reis 2,3.5), obtendo dele a resposta: “*Claro que eu sei. Mas fiquem quietos*” (2 Reis 2,3.5). Ou seja, todo mundo já sabia o que ia acontecer a Elias.

Podemos, ainda, ver a tranquilidade com que Elias via essa questão, não ficando temeroso em relação ao seu iminente “arrebatamento”, inclusive, dizendo a Eliseu que ele poderia lhe pedir o que quisesse antes que ele fosse arrebatado (2 Reis 2,8).

E, na sequência, ele, Elias, subiu ao céu no redemoinho, após o aparecimento de um carro de fogo com cavalos de fogo que o separou de Eliseu (2

Reis 2,11). Os cinquenta profetas que estavam acompanhando o desenrolar dos fatos (2 Reis 2,7), se propuseram a enviar alguns homens valentes para procurar Elias, dizendo: *“Talvez o espírito de Javé o tenha arrebatado e jogado sobre algum monte ou dentro de algum vale”* (2 Reis 2,16). Só que Eliseu, retrucou: *“Não mandem ninguém”* (2 Reis 2,16).

A questão é: se pensassem mesmo que Elias tivesse ido literalmente para o céu, essa ideia de procurá-lo não teria o menor sentido. O fato de Eliseu não ter concordado, talvez, se explique que ele não fazia questão de que achassem Elias, porquanto, ele, como seu discípulo, é quem iria substituí-lo no cargo de “profeta oficial”, vamos assim dizer.

Então, Elias poderia ter sido levado (arrebatado) para um outro lugar? É provável, pois em 2 Crônicas 21,12-15, conforme vimos, está narrado que depois desse episódio com Elias, Jeorão (sua forma abreviada é Jorão), rei de Judá, recebeu uma carta dele.

Supondo-se tal fato verdadeiro, conforme já o dissemos, Elias somente poderia ter sido transportado a um outro local aqui na Terra, como entenderam os filhos dos profetas, conforme consta de 2 Reis 2,16; caso contrário seria a outro mundo igual ao nosso (e em nave interplanetária, por causa da falta de atmosfera no espaço sideral), pois teria que continuar vivendo da mesma forma que vivia aqui na Terra (alimentando, saciando a sua sede, respirando, dormindo, etc), provando aí, então, a existência de outros mundos iguais ao planeta Terra, caso Deus não tenha criado um lugar só para Elias.

Diante da ignorância dos fatos, para os quais não tinham explicação conforme seus conhecimentos, buscaram arrimo no “poder” de Deus, levando-os à conta de milagres, não tendo, em razão disso, outra justificativa a não ser reputá-los como sobrenaturais.

Assim, passou-se a considerar o arrebatamento de Elias como sendo um fenômeno de ordem sobrenatural, pelo qual, ele, de corpo e alma, teria sido literalmente levado para o céu, apesar disso, conforme várias vezes já o dissemos, contrariar os

passos: *“a carne e o sangue não podem herdar o reino dos céus”* (1 Coríntios 15,50) e *“o reino dos céus está dentro de vós”* (Lucas 17,21), como também não se compatibilizar com *“o Espírito é que dá vida, a carne não serve para nada”* (João 6,63).

O que se fará com ela, a carne, numa dimensão espiritual, onde até o próprio *“Deus é Espírito”* (João 4,24)? E não vale o chavão: *“mistérios de Deus”!*

De nossa parte ficamos convictos de que Elias não foi arrebatado coisíssima nenhuma. Mas sabemos que isso ainda não será uma realidade para os dogmáticos.

## Conclusão

Diante de tudo quanto colocamos, não nos resta alternativa senão a de colocar os arrebatamentos de Henoc e Elias à conta de tradição; não como fato verdadeiro.

Sabemos que aquilo que aprendemos dos líderes religiosos e que julgamos verdade, nos oferece sério obstáculo para abrir os nossos olhos para podermos enxergar a verdade “verdadeira”, e não a dos teólogos, que têm compromisso apenas em perpetuar aquilo que dizem ser verdade, sob pena de caírem totalmente em descrédito.

Não foi sem razão que Jesus, citando Isaías, disse; *“Eles são duros de ouvido e fecharam os olhos, para não ver com os olhos, e não ouvir com os ouvidos, não compreender com o coração e não se converter.”* (Mateus 13,15)

## Referências bibliográficas

- A Bíblia Anotada, 8ª edição, São Paulo: Mundo Cristão, 1994.
- A Bíblia Tradução Ecumênica – TEB, 1ª edição, São Paulo: Loyola; São Paulo: Paulinas, 1996.
- Bíblia de Jerusalém, nova edição, revista e ampliada, São Paulo: Paulus, 2002.
- Bíblia do Peregrino, edição brasileira, São Paulo: Paulus, 2002.
- Bíblia Sagrada, 37ª edição, São Paulo: Paulinas, 1980.
- Bíblia Sagrada, 3ª edição, São Paulo: Paulinas, 1977.
- Bíblia Sagrada, 5ª edição, Aparecida-SP: Santuário, 1984.
- Bíblia Sagrada, 68ª edição, São Paulo: Ave-Maria, 1989.
- Bíblia Sagrada, 8ª edição, Petrópolis, RJ: Vozes, 1989.
- Bíblia Sagrada, 9ª edição, São Paulo: Paulinas, 1957.
- Bíblia Sagrada, Edição Barsa, s/ed. Rio de Janeiro: Catholic Press, 1965.
- Bíblia Sagrada, Edição Pastoral. 43ª impressão. São Paulo: Paulus, 2001.
- Bíblia Sagrada, Edição Revista e corrigida, Brasília, DF: SBB, 1969.
- Bíblia Sagrada, s/ed. São Paulo: SBTB, 1994.
- Bíblia Shedd, 2ª Edição rev. e atual. no Brasil. São Paulo: Vida Nova; Brasília: SBB, 2005.
- Escrituras Sagradas, Tradução do Novo Mundo das. Cesário Lange, SP: STVBT, 1986.

- Novo Testamento, s/d, São Paulo: Loyola, 1982.
- BORG, M. J. e CROSSAN, J. D. *A última semana*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2007.
- CHAMPLIN, R. N. e BENTES, J. M. *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia, Vol. 1*. São Paulo: Candeia, 1995a.
- CHAMPLIN, R. N. e BENTES, J. M. *Enciclopédia de Bíblia, teologia e filosofia, vol. 2*. São Paulo: 1995b.
- CHAMPLIN, R. N. *O Novo Testamento interpretado versículo por versículo*. Vol. 4. São Paulo: Hagnos, 2005d.
- CHAMPLIN, R. N. *O Novo Testamento interpretado versículo por versículo*. Vol. 5. São Paulo: Hagnos, 2005e.
- EHRMAN, B. D. *O que Jesus disse? O que Jesus não disse?*. São Paulo: Prestígio, 2006.
- Estudo Perspicaz das Escrituras. Vol. 1*. Cesário Lange, SP: Soc. Torre de Vigia de Bíblias e Tratados, 1990.
- FINOTTI, P. *Ressurreição*, São Paulo: Edigraf, 1972.
- GEISLER, N e HOWE, T. *Manual Popular de dúvidas, enigmas e “contradições” da Bíblia*, São Paulo: Mundo Cristão, 1999.
- JOSEFO, F. *História dos Hebreus*. Rio de Janeiro: CPAD, 2003.
- MONLOUBOU L. e DU BUIT, F. M., *Dicionário Bíblico Universal*, Petrópolis, RJ: Vozes; Aparecida, SP: Santuário, 1997.
- SCHULTZ, S. *História de Israel*. São Paulo: Vida Nova, 1995.
- STEVENSON, I. *Crianças que se lembram de vidas passadas*. São Paulo: Vida & Consciência, 2011.
- TRICCA, M. H. O. *Apócrifos – Os proscritos da Bíblia*. São Paulo: Mercuryo, 1995a.

TRICCA, M. H. O. *Apócrifos III - Os proscritos da Bíblia*. São Paulo: Mercury, 1996.

## **Internet**

Capa:

<https://i.pinimg.com/550x/1c/d2/74/1cd274eda2b3c818910dc4629c3df14a.jpg>. Acesso em: 19 mar. 2022.

Apolo (deus grego): <https://www.imagick.com.br/wp-content/uploads/2014/01/apolo-1.jpg>, Acesso em: 19 mar. 2022.

## Dados biográficos do autor



Paulo da Silva Neto Sobrinho é natural de Guanhães, MG. Formado em Ciências Contábeis e Administração de Empresas pela Universidade Católica (PUC-MG). Aposentou-se como Fiscal de Tributos pela Secretaria de Estado da Fazenda de Minas Gerais. Ingressou no movimento Espírita em Julho/87.

Escreveu vários artigos que foram publicados em seu site [www.paulosnetos.net](http://www.paulosnetos.net) e alguns outros sites Espíritas na Web.

Livros publicados por Editoras:

**a) impressos:** 1) *A Bíblia à Moda da Casa*; 2) *Alma dos Animais: Estágio Anterior da Alma Humana?*; 3) *Espiritismo, Princípios, Práticas e Provas*; 4) *Os Espíritos Comunicam-se na Igreja Católica*; 5) *As Colônias Espirituais e a Codificação*; 6) *Kardec & Chico: 2 missionários. Vol. I*; e 7) *Espiritismo e Aborto*.

**b) digitais:** 1) *Kardec & Chico: 2 missionários. Vol. II*, 2) *Kardec & Chico: 2 missionários. Vol. III*; 3) *Racismo em Kardec?*; 4) *Espírito de Verdade, quem seria ele?*; 5) *A Reencarnação tá na Bíblia*; 6) *Manifestações de Espírito de pessoa viva (em que condições elas acontecem)*; 7) *Homossexualidade, Kardec já falava sobre isso*; 8) *Chico Xavier: uma alma feminina*; 9) *Os nomes dos títulos dos*

*Evangelhos designam seus autores?; 10) Apocalipse: autoria, advento e a identificação da besta; 11) Chico Xavier e Francisco de Assis seriam o mesmo Espírito?; 12) A mulher na Bíblia; 13) Todos nós somos médiuns?; 14) Os seres do invisível e as provas ainda recusadas pelos cientistas; 15) O Perispírito e as polêmicas a seu respeito; 16) Allan Kardec e a lógica da reencarnação; 17) O fim dos tempos está próximo?; 18) Obsessão, processo de cura de casos graves; 19) Umbral, há base doutrinária para sustentá-lo?; 20) A aura e os chakras no Espiritismo; 21) Os Quatro Evangelhos, obra publicada por Roustaing, seria a revelação da revelação?; 22) Espiritismo: Religião sem dúvida; 23) Allan Kardec e suas reencarnações; 24) Médiuns são somente os que sentem a influência dos Espíritos?; 25) EQM: prova da sobrevivência da alma; 26) A perturbação durante a vida intrauterina; e 27) Os animais: percepções, manifestações e evolução.*

Belo Horizonte, MG.

e-mail: [paulosnetos@gmail.com](mailto:paulosnetos@gmail.com)

- 1 Bíblia Sagrada Paulinas, p. 928 e Bíblia Sagrada Vozes, p. 1040.
- 2 Bíblia Shedd, p. 1160-1161.
- 3 Bíblia de Jerusalém, p. 1579.
- 4 MONLOUBOU e DU BUIT, *Dicionário Bíblico Universal*, p. 336
- 5 Bíblia Sagrada – Santuário, p. 1313.
- 6 Bíblia do Peregrino, p. 2126.
- 7 CHAMPLIN, *O Novo Testamento interpretado versículo por versículo. Vol. 5*, p. 622
- 8 CHAMPLIN, *O Novo Testamento interpretado versículo por versículo. Vol. 4*, p. 268.
- 9 Algumas traduções trazem Enoc ou Enoque.
- 10 Bíblia Sagrada Vozes, p. 33.
- 11 Bíblia Anotada; Bíblia Sagrada Santuário; Bíblia Sagrada Barsa e Bíblia Shedd, para as outras Bíblias, que traduzem “no meio ou entre vós”, apresentamos esta explicação: “No meio de vós: outra tradução: dentro de vós, isto é, nos vossos corações”. (*Bíblia Sagrada Ave-Maria*, p. 1372).
- 12 Bíblia Anotada, p. 14.
- 13 Bíblia Sagrada – Paulinas 1977, p. 30.
- 14 Bíblia Sagrada – Vozes, p. 35.
- 15 Bíblia de Jerusalém, p. 33.
- 16 *Estudo Perspicaz das Escrituras*, 1990, p. 813.
- 17 Parece-nos que a grafia correta é **Utnapishtim**, faltou, portanto, o “h” entre as letras “s” e “t”.
- 18 Bíblia Sagrada Santuário, p. 11.
- 19 STEVENSON, *Crianças que se lembram de vidas passadas*, p. 348.
- 20 Bíblia Sagrada – Vozes, p. 33.
- 21 MONLOUBOU e DU BUIT, *Dicionário Bíblico Universal*, p. 348.
- 22 Bíblia Sagrada – Vozes, p. 541.
- 23 Dicionário Prático, Bíblia Sagrada – Barsa, p. 119.
- 24 CHAMPLIN e BENTES, *Enciclopédia de Bíblia, teologia e filosofia, vol. 2*, p. 381.

- 25 Bíblia Anotada, p. 1586.
- 26 TRICCA, *Apócrifos – Os proscritos da Bíblia*, p. 90.
- 27 CHAMPLIN, *O Novo Testamento interpretado versículo por versículo. Vol. 4*, p. 261.
- 28 TRICCA, *Apócrifos III – Os proscritos da Bíblia*, p. 160.
- 29 TRICCA, *Apócrifos – Os proscritos da Bíblia*, p. 26.
- 30 TRICCA, *Apócrifos – Os proscritos da Bíblia*, p. 49.
- 31 TRICCA, *Apócrifos – Os proscritos da Bíblia*, p. 59.
- 32 TRICCA, *Apócrifos – Os proscritos da Bíblia*, p. 63.
- 33 Bíblia de Jerusalém, p. 508-509.
- 34 Bíblia Tradução Ecumênica – TEB, p. 407.
- 35 FINOTTI, *Ressurreição*, p. 26-27.
- 36 Bíblia de Jerusalém, p. 607.
- 37 GEISLER e HOWE, *Manual Popular de dúvidas, enigmas e “contradições” da Bíblia*, p. 218.
- 38 SCHULTZ, *História de Israel*, p. 169-182.
- 39 SCHULTZ, *História de Israel*, p. 183.
- 40 JOSEFO, *História dos Hebreus*, p. 225.
- 41 *Dicionário Prático Barsa*, p. 86.
- 42 Bíblia de Jerusalém, p. 507.
- 43 CHAMPLIN e BENTES, *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia, vol. I*, p. 1005-1006.
- 44 Bíblia de Jerusalém, p. 497.